

R(E)H

# REFLEXÕES SOBRE O TEMPO E A AÇÃO

**Fernando Rey Puente**

Universidade Federal de Minas Gerais

Ferey99@yahoo.com.br

Aristóteles e Agostinho já mencionavam com surpresa e admiração em suas investigações sobre o tempo<sup>1</sup> o paradoxo que a pergunta pelo ser do tempo nos evoca: o passado não existe mais, o futuro ainda não chegou a ser restando-nos apenas o fugidio presente. Mas como fixá-lo se quando o tentamos apreender ele já se tornou passado? O que seria o tempo então? Como exprimir seu ser?

Diante dessa aporia fundamental esses pensadores responderam de distintos modos. Aristóteles, por um lado, procurando apreender a essência do tempo no âmbito de sua filosofia da natureza ao relacioná-lo ao movimento por meio de uma complexa e intrincada análise do agora inextenso; Agostinho, por outro, buscando, na esteira de Plotino, resolver esse enigma ao mostrar que os tempos passado, presente e futuro existem presentemente na alma humana que a sua vez se encontra distendida entre a memória, a atenção e a expectativa. Trata-se assim de uma estratégia conceitual que busca conferir certa fixidez ao tempo a fim de conseguir pensá-lo. Ideia mais tarde reelaborada a partir, é claro, de outros pressupostos filosóficos, como ocorre, por exemplo, nas investigações fenomenológicas de Husserl sobre o conceito do tempo. Não por acaso os cuidadosos exemplos musicais de Agostinho serão retomados por Husserl e a ideia agostiniana de procurar fixar de algum modo (ou seja: internamente, mas não subjetivamente) o que não pode ser apreendido externamente parece ser uma interessante estratégia conceitual que será reelaborada em outros termos e alicerçada em outros pressupostos conceituais pelo fundador da fenomenologia. Neste texto, contudo, não analisaremos essas complexas questões e suas intrincadas respostas, antes tomaremos outra direção ao inquirir pelo presente que para além de sua importância no fenômeno da retenção do passado pela memória e no fenômeno da propensão do futuro pela expectativa parece indicar sobretudo o momento oportuno para a ação. É precisamente acerca deste vínculo entre o presente e a ação que gostaríamos de nos deter.

Uma reflexão da filósofa francesa Simone Weil sintetiza bem a necessidade de pensarmos o tempo, mais precisamente o presente, em conexão com a ação:

“O tempo propriamente falando não existe (senão o presente como limite) e, no entanto, é a isso que nós estamos submetidos. Tal é a nossa condição. *Nós estamos submetidos ao que não existe*. Que se trate da duração passivamente sofrida - dor física, espera, arrependimento, remorso, medo - ou do tempo administrado - ordem, método, necessidade - nos dois casos aquilo a que estamos submetidos não existe. Mas nossa submissão existe. Realmente estamos presos por cadeias irrealis. O tempo, irreal, recobre todas as coisas e nós mesmos de irrealidade”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. Aristóteles, *Física* IV 10-14 e Agostinho, *Confissões* XI.

<sup>2</sup> Simone Weil, *Cahiers* (1933 – septembre 1941), Gallimard : Paris, 1994, p. 352.

Como pensar então esse limite fugidivo que parece constituir a essência mesma do tempo presente? Como a reflexão sobre ele poderia nos ajudar a escapar de nossa submissão aos tempos - passado e futuro - que não existem, mas sob o jugo dos quais atravessamos nossas efêmeras vidas? Novamente recorreremos a outra reflexão de Simone Weil, desta vez contida no breve, mas penetrante ensaio intitulado *Sobre o tempo* que ela escreveu em 1929 e no qual afirma que:

“O tempo é esta separação entre o que eu sou e o que eu quero ser, de modo que o único caminho de mim a mim é o trabalho”<sup>3</sup>

Em outros termos, se não agirmos efetivamente permaneceremos no mero devaneio e esta é precisamente aquela instância que nos faz acreditar sermos o que imaginamos ser, sem termos tido o *trabalho* de nos transformarmos naquilo que queremos ser. Eis o perigo das ilusões individuais ou coletivas, como a pensadora francesa lucidamente nos adverte. De fato, só podemos vir a ser no futuro o que efetivamente começarmos a ser neste momento presente. Caso contrário, adiaremos indefinidamente nossas ações, de modo a nunca nos tornarmos realmente o que gostaríamos de vir a ser ou o seremos, mas apenas em nossos sonhos pueris e sempre ilusoriamente grandiosos e vantajosos acerca de nós mesmos.

Essa conexão entre o tempo e a ação humana foi vista também por Aristóteles em um passo pouco explorado da *Ética Nicomaquéia* no qual ele afirma que os homens possuem uma “percepção do tempo”<sup>4</sup>. O que ele quer dizer com essa expressão é que os seres humanos ficam divididos internamente entre o que a razão propõe que façam e o que os apetites os incitam a realizar. Assim, enquanto a razão lhes ordena resistir aos desejos imediatos em função de um bem futuro, os apetites lhes ordenam atuar imediatamente a fim de satisfazer seus desejos. Em termos aristotélicos, o futuro nos permite acesso ao fim e este é, na verdade, o princípio de nossa ação. Mas a ação, lembremo-nos, só poderá ser empreendida se nós utilizarmos os meios corretos para atingir esse fim e os meios, é sempre importante ressaltar, estão à nossa disposição no presente desde que os saibamos discernir em meio às circunstâncias.

Na Antiguidade, porém, foram principalmente os estoicos os pensadores que mais valorizaram o tempo presente. O profundo interesse de Simone Weil pelos estoicos, como poderemos constatar, a seguir, ao compararmos as ideias apresentadas nas sentenças de sua autoria citadas acima com duas reflexões de Marco Aurélio sobre o tema:

---

<sup>3</sup> Simone Weil, *Premiers écrits philosophiques*, Gallimard : Paris, 1988, p.143,

<sup>4</sup> Cf. Aristóteles, *De anima* III 433 b: *chrónou aísthesin*.

“... E lembra-te, além disso, que cada um vive apenas este presente muito breve. O mais <da vida> já foi vivido ou é incerto”<sup>5</sup>

“Se viveres três mil anos ou dez mil vezes esse tempo, lembra-te igualmente que ninguém perde outra vida senão aquela que está vivendo, nem vive outra senão a que perde. Assim, a mais longa vida e a mais breve vêm a dar no mesmo. O presente, de fato, é igual para todos e o <tempo> perdido, portanto, <também> é igual e assim o que se está perdendo se revela muito breve, pois não podemos perder nem o passado, nem o futuro, pois como poderiam nos tirar o que não temos?”<sup>6</sup>

O traço fundamental da ideia estoica do tempo, como nos mostra Victor Goldschmidt em sua importante obra sobre o tempo no estoicismo<sup>7</sup> é a de que este é derivado do agente moral. O tempo para os estoicos, afirma o intérprete francês em seu já clássico estudo, é sobretudo o presente e este é dito ser real porque nele efetivamente podemos agir; o passado não o temos mais e o futuro não o temos ainda.

O *trabalho* a que Simone Weil faz alusão na passagem que citamos no início de nosso texto nada mais é do que uma ação programada e premeditada na qual podemos agir verdadeiramente e não apenas reagir imaginariamente.

Em uma nota escrita em Nova York em fevereiro de 1970, outra pensadora contemporânea, Hannah Arendt, observa algo interessante acerca da relação entre o presente e a ação:

“A construção kafkiana do tempo - o passado que me empurra por trás, o futuro que vem ao meu encontro - só é válida para a experiência pensante que precisamente excluiu a ação. A ação se apodera do futuro e o mantém aberto”<sup>8</sup>

Sabemos como essa metáfora kafkiana foi importante para H. Arendt na elaboração de sua obra *Entre o passado e o futuro*, publicada pela primeira vez em 1961. Na verdade, o prefácio que ela escreveu para o livro se intitula “A brecha entre o passado e o futuro” e em grande parte analisa uma parábola kafkiana que Arendt interpreta como sendo um “fenômeno mental” ou, como ela prefere chamar um “evento-pensamento”<sup>9</sup>. Em outros termos, para Arendt a parábola em questão não se refere a uma vivência real, mas sim a uma experiência do não lugar do pensamento em meio ao conflito entre um passado e um futuro infinitos que acomete todo ser humano que se propõe a pensar. Por isso os ensaios que compõem o livro em

---

<sup>5</sup> Marco Aurélio, *Meditações*, III 10.

<sup>6</sup> Marco Aurélio, *Meditações*, II 14.

<sup>7</sup> Cf. Victor Goldschmidt, *Le système stoïcien et l'idée de temps*, Paris, Vrin, p. 217.

<sup>8</sup> Hannah Arendt, *Journal de pensée*, vol. 2, Éditions du Seuil : Paris, p. 959.

<sup>9</sup> Hannah Arendt, *Entre o passado e o futuro*, Editora Perspectiva: São Paulo, p. 36.

questão são vistos pela autora como exercícios de reflexão sobre o pensamento político (subtítulo com o qual o livro foi reeditado em 1968 com o acréscimo de mais dois ensaios).

Arendt deixa claro que o futuro tem de estar sempre aberto e por isso no âmbito humano a noção de promessa é tão fundamental para ela. Uma noção que evidentemente recebeu via Agostinho - autor que, não por acaso, foi o escolhido para a sua pesquisa de seu doutorado sobre a noção de amor - e da tradição hebraica na qual estava inserida. A experiência do novo, mais precisamente ainda, de um poder começar algo novo é essencial para compreendermos sua posição teórica.

O que faremos aqui, contudo, não é enveredarmos por esse caminho assinalado por Arendt, nem mesmo por realizar um confronto entre as posições tão díspares sobre o trabalho que aparecem nas obras de Simone Weil e de Hannah Arendt, mas sim usarmos outro texto de Kafka para refletirmos nós mesmos sobre o tema do presente.

A parábola kafkiana que tenho em mente se chama “Diante da Lei”, foi escrita em 1915 e constitui o núcleo central do romance *O Processo*. Quatro anos mais tarde Kafka a publicou isoladamente no livro de contos *Um médico rural*. Trata-se de um texto especialmente apreciado pelo autor e que é comumente interpretado como uma metáfora da inacessibilidade do poder judiciário. Aqui, contudo, não seguirei esse viés exegético. Proponho, em continuidade com as reflexões que desenvolvi anteriormente, pensar que a lei da parábola possa ser lida como se referindo ao presente, ou seja, a esse único tempo no qual efetivamente podemos agir. Todavia, a personagem de Kafka, como sói acontecer em seus contos, fica paralisada ante o presente e é submergida na inação e no desespero silencioso. Meu propósito aqui é fazer uma releitura do conto sob a perspectiva da impossibilidade de alguém assumir conscientemente o seu presente e agir.

No texto de Kafka vemos a personagem principal se aproximar do porteiro querendo entrar e esse responde que isso é possível, mas ainda não. O agora não é o que me interessa enfatizar aqui, mas sim o *ainda não*. A fórmula por excelência da procrastinação. Como a porta está aberta e o homem quer olhar para dentro o porteiro o adverte que o que há por trás dessa porta é uma sucessão infinita de porteiros cada vez mais terríveis. Note-se que aqui o que está em jogo é a atividade da imaginação, como diria Simone Weil, que criando uma perspectiva assustadora dissuade o homem não só de tentar entrar, mas até mesmo de tentar ver essa sucessão infinita de portas que o porteiro lhe relata. Esse homem simplesmente acredita nas palavras do porteiro, palavras essas que o levam à inação. O porteiro deixa o homem ficar ao lado da porta por anos a fio. O homem tenta até mesmo subornar o porteiro que aceita o suborno apenas para que o tal homem não pense depois que não havia tentado. Vê-se aqui como metaforicamente Kafka apresenta os mecanismos de dissuasão agindo em prol da paralisia e

da resignação. Todavia, o porteiro sempre lhe responde que ainda não pode deixá-lo entrar. Note-se que a expressão “ainda não” deixa, por outro lado, sempre aberto o lugar para uma pequena esperança... Quem sabe um dia ele poderá ser admitido? Todavia, os anos se passam e já à beira da morte o homem faz uma derradeira pergunta ao porteiro. Ele quer saber por que depois de tantos anos ninguém mais quis entrar naquela porta. Em uma resposta sucinta e fulminante o porteiro lhe diz:

“Aqui ninguém mais podia ser admitido, pois esta entrada estava destinada só a você. Agora eu vou embora e fecho-a”<sup>10</sup>

Diferentemente das parábolas da Antiguidade, as de Kafka terminam sem uma moral da história, mas sempre com o mesmo tom desesperançoso. A porta era destinada àquele homem e somente a ele, mas ele mesmo criou barreiras internas que o impediram de decidir-se a entrar mesmo que para isso tivesse de lutar com o guarda. Bastou a mera menção a inúmeros outros porteiros mais terríveis e fortes guardando outras portas para fazer com que sem a menos resistência o homem desistisse de entrar e se acomodasse a ficar apenas sentado ao lado da porta sem jamais atrever-se a forçar sua entrada, aguardando uma autorização para fazê-lo.

Vê-se que teria sido somente tomando a decisão presente de tentar entrar a qualquer custo que o homem da parábola poderia ter conseguido entrar. Mas passivamente ele se resignou.

E o que a filosofia teria a ver com tudo isso poderia perguntar um leitor mais questionador? E eu diria, mais uma vez citando Simone Weil:

“Uma filosofia implica para quem a concebe uma maneira de sentir e agir e isso em todos os instantes e em todas as circunstâncias da vida, as mais vulgares como as mais dramáticas, na medida em que se a concebe”<sup>11</sup>

Diante de tal concepção de filosofia, como lidar então com o tempo, como concebê-lo? Simone Weil o diz com clareza em duas brevíssimas reflexões contidas em algumas páginas de seus cadernos de anotação datadas do ano de 1942:

“Aceitar o tempo, descer no tempo. O que há de mais doloroso para o pensamento? Mas é preciso fazer isso”<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Franz Kafka, *Essencial*, Tradução, seleção e comentários de Modesto Carone, Penguin/Companhia das Letras: São Paulo, p. 107.

<sup>11</sup> Simone Weil, *Cahiers* (1933 – septembre 1941), Gallimard: Paris, 1994, pp. 174-176.

<sup>12</sup> Simone Weil, *Cahiers* (septembre 1941- février 1942), Gallimard: Paris, p.379.

“Uso correto do *tempo*. Nada é mais importante”<sup>13</sup>

Por essa expressão “uso correto do tempo” nós podemos entender a atenção posta no nosso presente, sem deixar-se levar por vãs elucubrações sobre o futuro, nem tampouco deixar-se aprisionar por um passado que já não existe mais. Viver o tempo presente significa agir a partir das condições de que dispomos atualmente sem deixar-se desesperar por uma “porta” que aparentemente não se abre, nem pelos dias pretéritos que passamos sentados passivamente ao lado dessa “porta” e de seu inflexível “porteiro”. A “porta” está lá para cada um e apenas e tão somente cada um de nós e mais ninguém poderá adentrar nela; não podemos nos esquecer disso, de modo que temos verdadeiramente de tentar a todo custo penetrar por ela. Tampouco cabe ficar paralisado na busca das razões pelas quais não o fizemos antes. De nada serve igualmente imaginar que já conseguimos entrar nela. A “porta” está diante de cada um de nós, ela é nosso presente e ela é única, como o tempo presente de cada um. Como diz Simone Weil em outra passagem de seus cadernos: “tudo o que contém o momento presente é um dom”<sup>14</sup>. Saibamos, portanto - mesmo nos momentos difíceis nos quais eventualmente estivermos vivendo - ingressar naquela porta única do momento presente por meio de nosso esforço e de nosso trabalho. Não nos deixemos enganar pelas ilusões do porvir, nem tampouco percamos a esperança tendo em vista o que já passou. Passado e futuro só são reais no presente e este, como diriam unanimemente os estoicos, depende apenas de nós mesmos. Só nele podemos agir e tão somente assim poderemos vir a nos tornar aqueles ou aquelas que desejamos ser.

---

<sup>13</sup> Simone Weil, *Cahiers* (septembre 1941- février 1942), Gallimard: Paris, p.376.

<sup>14</sup> Simone Weil, *Cahiers* (février 1942- juin 1942), Gallimard: Paris, p.298.

